

Sobrevivência de Empresas no Brasil

MARIANA APARECIDA DE OLIVEIRA HAASE (*)

1 Introdução

O estudo da sobrevivência de empresas é de grande interesse para empresas e governos, pois corrobora com o entendimento dos fatores que afetam a longevidade dos negócios de acordo com sua capacidade de permanecer no mercado (RANNIKKO *et al.*, 2019). A sobrevivência de empresas é um fator de grande relevância para o desenvolvimento econômico regional, pois, contribui para o avanço tecnológico e para a criação de renda local (GIOVANNETTI; RICCHIUTI; VELUCCHI, 2011). As relações entre empresas estabelecidas e fornecedores locais podem estimular o desenvolvimento de grandes cadeias locais de abastecimento, gerando empregos e renda. Além disso, empresas que sobrevivem mais têm mais tempo e estímulo para investir em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), e na qualificação da mão de obra empregada.

A literatura, que trata da análise da sobrevivência de empresas, é composta por pesquisas que empregam diversos métodos como a Regressão por Variáveis Instrumentais, a metodologia Data Envelopment Analysis (DEA), a Análise de Corre-

lação e Análise Discriminante (AA-BOEN; LINDELOF, 2008; HOLMES; HUNT; STONE, 2010; FREITAS; SALLES, 2011; TUMELERO; DOS SANTOS; KUNIYOSHI, 2016).

No Brasil, podem-se encontrar diversas pesquisas que buscam analisar a sobrevivência de empresas (RESENDE; CARDOSO; FAÇANHA, 2016; FERREIRA *et al.*, 2012; BERTOLAMI *et al.*, 2018; CONCEIÇÃO; SARAIVA; FOCHEZATTO, 2018). No entanto, a maior parte destes estudos realiza a análise em períodos de até 10 anos e utiliza bases de dados de até 5 mil empresas. A dificuldade de acesso a dados, que permitam aplicar as análises estatísticas propostas, é um dos motivos para que estudos que abranjam longos períodos e utilizem grandes bases de dados sejam raros. Estudos apontam que análises baseadas em pequenas amostras podem conter um viés de sobrevivência considerável (BRUDERL; PREISEN-DÖRFER; ZIEGLER, 1992). Este fato reforça a importância da análise descritiva de dados mais abrangentes como os apresentados pelo IBGE.

Esta pesquisa utiliza como base a Demografia de Empresas e as Estatísticas de Empreendedorismo,

publicadas anualmente pelo IBGE, para discorrer sobre o panorama empresarial brasileiro. Estes dados, disponibilizados pelo IBGE, são importantes fontes de informação e passaram a compor uma única publicação a partir de 2016. São utilizados dados da RAIS, do Caged e do eSocial, incorporando registros de pessoas jurídicas independentemente da atividade exercida. Não são incluídas empresas de administração pública, entidades sem fins lucrativos, organizações internacionais e outras instituições extraterritoriais. Além disso, não são incorporados ao universo de empresas ativas os microempreendedores individuais (MEIs), pois as empresas deste grupo que não têm empregados são desobrigadas do preenchimento da RAIS.

Serão apresentados e discutidos, nesta pesquisa, dados entre 2009 e 2019, da evolução do número de empresas ativas, da taxa de entrada de empresas por setor, da taxa de sobrevivência em nível de Brasil e por grandes regiões, e da evolução do número de empresas ativas, entradas, saídas e sobreviventes por faixa de pessoal ocupado assalariado, por sexo e nível de escolaridade.

2 Sobrevivência de Empresas: Panorama Brasileiro

A taxa de sobrevivência de empresas sofre influência de uma série de fatores econômicos, regulatórios e sociais. Ao se analisar o panorama das empresas no Brasil, podem-se notar flutuações importantes na taxa de criação de novos empreendimentos ao longo dos anos. Na Tabela 1, pode-se observar a evolução do número total de empresas ativas.¹ A percentagem de novas empresas registrou um aumento em 2008, 2009 e 2010, mas seguiu uma tendência descendente entre 2016 e 2018, com uma recuperação em 2019. Por outro lado, a taxa de saída teve uma diminuição em 2008, 2009 e 2010, atingindo 16,3%. Entretanto, houve aumentos notáveis nas saídas em 2011, 2014 e 2018 em relação aos anos

anteriores. Deste modo, a diferença entre o número de novas empresas e o número de empresas falidas permaneceu negativa entre 2014 e 2018. Em 2019, o saldo de empresas foi positivo (290,9 mil), com 656 mil falências e 947 mil novas empresas.

Na análise do período 2010 a 2019, a taxa de saída de empresas caiu de 16,3 % para 14%. Já a taxa de entrada passa de 22,2% em 2010 para 20,2% em 2019. No entanto, em 2019 o IBGE incorporou informações do eSocial, com o objetivo de substituir de modo gradativo os dados da RAIS. Isso gerou algumas mudanças metodológicas, como por exemplo, nos critérios de indicação de empresa ativa no ano. Este fato pode ter influenciado o resultado para este ano. Logo, as comparações dos dados de 2019

em diante com os anos anteriores devem ser feitas com cautela.

Curiosamente, em 2020, ano de pandemia, a taxa de saída de empresas foi relativamente baixa (13%), considerando a evolução ao longo da série. Este fato pode estar ligado a medidas governamentais e estratégias adotadas pelos empresários para enfrentar as adversidades ao longo do primeiro ano de pandemia. A taxa de criação de novas empresas também apresenta redução, comparativamente ao ano anterior. Em 2020, das 4,9 milhões de empresas ativas, cerca de 16,9% eram empreendimentos recém-criados. Estes resultados indicam uma postura mais cautelosa por parte dos potenciais empreendedores diante do cenário de incertezas e das mudanças nas condições de mercado.

Tabela 1 - Evolução do Número de Empresas Ativas

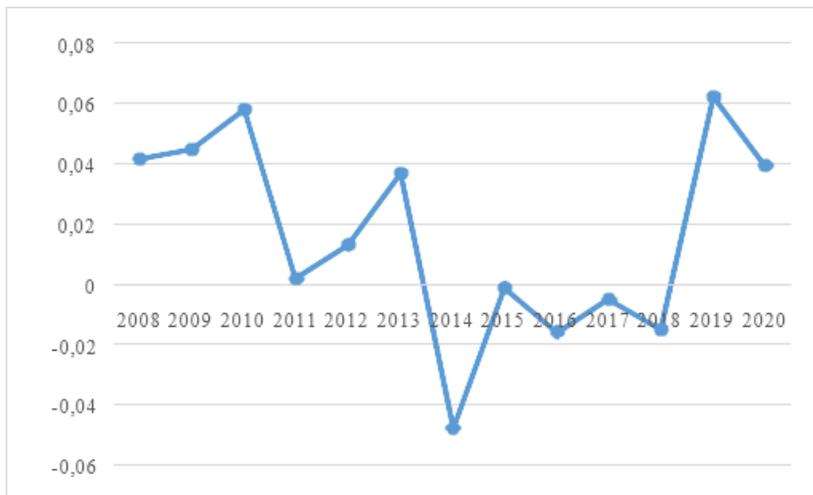
Ano	Total	Entradas		Saídas	
		Total	Taxa (%)	Total	Taxa (%)
2008	4.077.662	889.486	21,8	719.915	17,7
2009	4.268.930	946.676	22,1	755.154	17,7
2010	4.530.583	999.123	22,2	736.428	16,3
2011	4.538.347	871.804	19,2	864.035	19,0
2012	4.598.919	859.992	18,7	799.419	17,4
2013	4.775.098	871.663	18,3	695.748	14,6
2014	4.557.411	726.271	15,9	943.958	20,7
2015	4.552.331	708.644	15,6	713.628	15,7
2016	4.481.596	648.474	14,5	719.551	16,1
2017	4.458.678	676.444	15,2	699.376	15,7
2018	4.392.871	697.079	15,9	762.940	17,4
2019	4.683.840	947.311	20,2	656.372	14,0
2020	4.875.827	826.404	16,9	634.439	13,0

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2008-2020.

No Gráfico 1, pode-se observar o comportamento da taxa de turbulência, medida pela diferença entre as entradas e saídas em relação ao total. No período de 2008 a 2010, essa taxa permaneceu relativamente estável, enquanto a partir de 2011, começou a mostrar flutuações mais significativas. Em 2014, houve um notável declínio nas saídas em relação às entradas,

resultando em uma taxa de turbulência negativa expressiva. A taxa se mantém negativa no intervalo 2015 a 2018. Em 2019, a taxa de turbulência aumenta substancialmente, voltando a cair em 2020. Esta análise destaca a complexidade do ambiente empresarial, apresentando períodos de estabilidade e volatilidade.

Gráfico 1 – Taxa de Turbulência



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2008-2020.

A identificação de tendências setoriais também é importante. Na Tabela 2, pode-se notar que entre 2010 e 2019 houve uma variação negativa na taxa de entrada de empresas em quase todas as atividades econômicas, com exceção das atividades de Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura, Eletricidade e Gás, Informação e Comunicação, Atividades Financeiras e de Seguros, Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas e Saúde Humana e Serviços So-

ciais. As atividades que apresentaram maior queda na taxa de criação de novas empresas foram as de Água e Esgoto, Transporte, Armazenagem, Correio e Outras atividades de Serviços. Diante deste cenário, uma análise aprofundada, em setores específicos, pode proporcionar *insights* valiosos e auxiliar na tomada de decisões e na promoção do crescimento sustentável em diferentes segmentos da economia.

Tabela 2 – Taxa de Entrada de Empresas por Setor

CNAE 2.0	Taxa de entrada de empresas (%)												
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	23,4	23,9	23,7	21,3	21,2	20,2	17,9	18,0	16,3	17,2	18,2	24,9	16,6
Indústrias extrativas	19,4	19,0	20,3	17,3	18,8	18,8	13,9	14,4	12,9	13,1	13,4	20,2	12,2
Indústrias de transformação	16,9	17,2	18,4	16,0	14,9	14,5	12,5	11,4	10,5	11,0	11,0	14,3	13,1
Eletricidade e gás	30,2	25,0	29,1	29,4	26,0	21,7	24,0	22,2	18,2	23,3	23,3	45,9	21,2
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	24,2	24,4	24,5	22,0	20,7	20,5	17,0	16,6	14,6	16,1	15,2	18,2	16,9
Construção	28,7	29,3	31,2	28,6	27,1	26,4	22,3	20,4	18,5	19,7	21,3	27,9	19,4
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	21,3	21,6	21,0	17,7	17,2	16,6	14,1	13,8	12,6	13,0	12,9	16,0	15,8
Transporte, armazenagem e correio	23,0	22,7	23,5	21,5	20,8	20,3	18,1	15,7	14,2	14,9	15,1	18,4	16,4
Alojamento e alimentação	22,3	23,6	22,7	19,4	18,1	18,0	16,4	15,4	14,3	14,8	14,9	17,8	15,9
Informação e comunicação	24,9	23,4	22,7	21,5	21,6	20,6	19,0	18,2	18,4	19,3	20,8	26,2	21,7
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	22,8	22,6	24,3	20,2	22,6	21,2	19,3	21,5	20,2	20,7	23,3	33,7	17,5
Atividades imobiliárias	24,3	24,2	25,2	24,0	25,2	24,3	21,2	22,3	19,5	20,0	20,9	21,6	27,2
Atividades profissionais, científicas e técnicas	24,8	25,1	23,7	21,4	21,1	20,4	18,2	19,7	19,4	10,1	21,6	27,2	20,6
Atividades administrativas e serviços complementares	24,8	24,7	25,1	22,6	22,2	21,6	19,1	18,3	17,3	18,2	19,4	23,2	19,5
Educação	20,2	21,0	20,2	18,0	17,4	18,0	15,6	15,2	14,6	15,2	16,1	18,9	17,3
Saúde humana e serviços sociais	17,5	18,0	17,8	15,8	16,9	16,9	15,4	18,1	17,2	18,7	20,4	23,3	17,1
Artes, cultura, esporte e recreação	29,3	28,7	27,4	24,4	24,0	21,1	20,6	20,2	17,5	18,0	22,1	24,1	18,6
Outras atividades de serviços	26,1	27,9	28,5	24,0	20,3	20,4	17,8	17,3	15,6	16,4	16,8	20,3	21,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2006-2019.

A Tabela 3 apresenta as taxas de sobrevivência para as unidades locais nascidas em 2009, em nível de Brasil e por grandes regiões. A mortalidade de empresas no Brasil é bastante expressiva, principalmente nos primeiros anos do negócio. Pode-se notar que no Brasil a taxa de sobrevivência de empresas vem caindo ao longo dos anos. Somente 22,9% das empresas nascidas

em 2009 permaneceram em atividade até 2019. Cerca 34,7% dos empreendimentos faliram nos primeiros dois anos e 58,4% nos primeiros cinco anos. Dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) indicam que as Microempresas Individuais (MEIs) têm a maior taxa de mortalidade entre os Pequenos Negócios; 29% fecham após 5 anos de ati-

vidade. Já as Microempresas (MEs) apresentam taxa de mortalidade intermediária; 21,6% morrem após 5 anos de atividade. As Empresas de Pequeno Porte (EPPs) apresentam a menor taxa de mortalidade entre os Pequenos Negócios; 17% falem após 5 anos de atividade (SEBRAE, 2023).

Ao tratar das unidades da federação, nota-se que as taxas de sobrevivência variam de 60% (Norte) a 66% (Sul) nos primeiros dois anos, e de 35,6% (Norte) a 44,0% (Sul), nos primeiros cinco anos. Esses dados refletem a dinâmica complexa do ambiente empreendedor no Brasil ao longo do tempo e destacam a importância de uma

análise cuidadosa, que possibilite um melhor entendimento das tendências no contexto empresarial e organizacional. Investigar os fatores de permanência das empresas no mercado é importante para que empresários possam entender melhor os desafios que surgem ao empreender no Brasil.

Tabela 3 – Taxa de Sobrevivência por Grandes Regiões - 2009-2019

Grandes regiões	Unidades locais nascidas em 2009	Taxa de sobrevivência									
		2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Brasil	755.034	77,5	65,3	56,0	48,9	41,6	36,8	32,6	29,0	25,6	22,9
Norte	32.925	73,1	60,0	50,6	43,2	35,6	31,3	27,5	24,1	21,3	19,0
Nordeste	125.639	77,1	63,9	54,5	45,7	38,5	33,8	29,7	26,2	23,1	20,7
Sudeste	370.940	77,8	65,8	56,3	49,3	41,9	37,0	32,4	28,8	25,4	20,5
Sul	159.843	78,0	66,0	57,3	50,6	44,0	39,4	35,5	31,9	28,6	26,0
Centro-oeste	65.687	78,0	65,4	55,7	48,6	41,3	36,6	32,4	28,8	25,1	22,4

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2006-2019.

Na Tabela 4 pode-se observar a evolução do percentual de empresas sobreviventes, de novas empresas e de falências entre 2010 e 2020 por faixa de pessoal ocupado. Pode-se notar que, do total de empresas ativas em cada ano a maior parcela corresponde a empresas sem pessoal ocupado assalariado, chegando a uma média anual de 53,5% do total de empresas neste período. As empresas que contém entre 1 e 9 pessoas ocupadas representam, em média, 46,3% dos empreendimentos. Já as aquelas com 10 ou mais pessoas ocupadas

representam, em média, somente 11,16% das empresas.²

No Brasil, existe um grande número de pequenas empresas, atuantes em setores de serviço, comércio e indústria de pequena escala (PINHEIRO; NETO, 2019). Este fato pode estar ligado a fatores econômicos e estruturais, tais como dificuldades de acesso a recursos, barreiras à entrada ou mesmo a legislação trabalhista que pode ser complexa e onerosa, principalmente para empresas de grande porte. Pode-se notar que as empresas entrantes, em sua maioria, não têm

pessoal ocupado assalariado. Em 2010, cerca de 78,6% das empresas entrantes tinham zero pessoas ocupadas. Este percentual permanece elevado ao longo de toda a série, chegando a 77,4% em 2019 e 78,7 em 2020. Assim como ocorre para a porcentagem de empresas que saíram do mercado, onde 89,1% das falhas em 2010 e 78,5% em 2019 ocorreram em empresas sem pessoal ocupado. As empresas contendo de 1 a 9 pessoas ocupadas representam 19,7% e 20,5% das entradas em 2010 e 2019, respectivamente, e 10,2% e 18,8% das saídas do mercado.

Tabela 4 – Demografia de Empresas por Faixa de Pessoal Ocupado

		Total	Faixa de pessoal ocupado assalariado					
			0		1 a 9		10 ou mais	
			Total	Percentual	Total	Percentual	Total	Percentual
2010	Ativas	4 530 583	2 405 484	53,0	1 702 173	37,5	422 926	9,3
	Sobreviventes	3 531 460	1 619 919	45,9	1 505 752	42,6	405 789	11,5
	Entradas	999 123	785 565	78,6	196 421	19,7	17 137	1,7
	Saídas	736 428	656 173	89,1	75 401	10,2	4 854	0,7
2011	Ativas	2 246 220	---	---	1 798 478	80,1	447 742	19,9
	Sobreviventes	2 030 178	---	---	1 599 874	78,8	430 304	21,2
	Entradas	216 042	---	---	198 604	91,9	17 438	8,1
	Saídas	90 653	---	---	85 137	93,9	5 516	6,1
2012	Ativas	4 598 919	2 265 582	49,3	1 868 369	40,6	464 968	10,1
	Sobreviventes	3 738 927	1 612 233	43,1	1 678 019	44,9	448 675	12,0
	Entradas	859 992	653 349	76,0	190 350	22,1	16 293	1,9
	Saídas	799 419	701 364	87,7	92 474	11,6	5 581	0,7
2013	Ativas	4 775 098	2 357 680	49,4	1 938 181	40,6	479 237	10,0
	Sobreviventes	3 903 435	1 689 511	43,3	1 750 517	44,8	463 407	11,9
	Entradas	871 663	668 169	76,7	187 664	21,5	15 830	1,8
	Saídas	695 748	604 996	87,0	84 324	12,1	6 428	0,9
2014	Ativas	4 557 411	2 078 604	45,6	1 989 982	43,7	488 825	10,7
	Sobreviventes	3 831 140	1 551 588	40,5	804 978	47,1	474 574	12,4
	Entradas	726 271	527 016	72,6	185 004	25,5	14 251	2,0
	Saídas	943 958	830 913	88,0	106 165	11,2	6 880	0,7
2015	Ativas	4 552 431	2 076 579	45,6	1 999 981	43,9	475 871	10,5
	Sobreviventes	3 843 787	1 546 984	40,2	1 835 042	47,7	461 761	12,0
	Entradas	708 644	529 595	74,7	164 939	23,3	14 110	2,0
	Saídas	713 628	598 869	83,9	107 333	15,0	7 426	1,0
2016	Ativas	4 481 596	2 056 734	45,9	1 967 715	43,9	457 147	10,2
	Sobreviventes	3 833 122	1 573 707	41,1	1 816 071	47,4	443 344	11,6
	Entradas	648 474	483 027	74,5	151 644	23,4	13 803	2,1
	Saídas	719 551	596 553	82,9	115 223	16,0	7 775	1,1
2017	Ativas	4 458 678	2 058 400	46,2	1 944 144	43,6	456 134	10,2
	Sobreviventes	3 782 234	1 558 843	41,2	1 782 596	47,1	440 795	11,7
	Entradas	676 444	499 557	73,9	161 548	23,9	15 339	2,3
	Saídas	699 376	579 351	82,8	113 548	16,2	6 477	0,9
2018	Ativas	4 392 871	2 019 762	46,0	1 914 864	43,6	458 245	10,4
	Sobreviventes	3 695 792	1 502 358	40,7	1 751 035	47,4	442 399	12,0
	Entradas	697 079	517 404	74,2	163 829	23,5	15 846	2,3
	Saídas	762 940	629 704	82,5	126 022	16,5	7 214	0,9
2019	Ativas	4 683 840	2 309 212	49,3	1 908 402	40,7	466 226	10,0
	Sobreviventes	3 736 529	1 575 682	42,2	1 713 755	45,9	447 092	12,0
	Entradas	947 311	733 530	77,4	194 647	20,5	19 134	2,0
	Saídas	656 372	515 076	78,5	135 332	20,6	5.964	0,9
2020	Ativas	4 875 827	2 527 521	51,8	1 904 998	39,1	443 308	9,1
	Sobreviventes	4 049 423	1 877 536	46,4	1 740 776	43,0	431 111	10,6
	Entradas	826 404	649 985	78,7	164 222	19,9	12 197	1,5
	Saídas	634 439	507 049	79,9	119 542	18,8	7 848	1,2

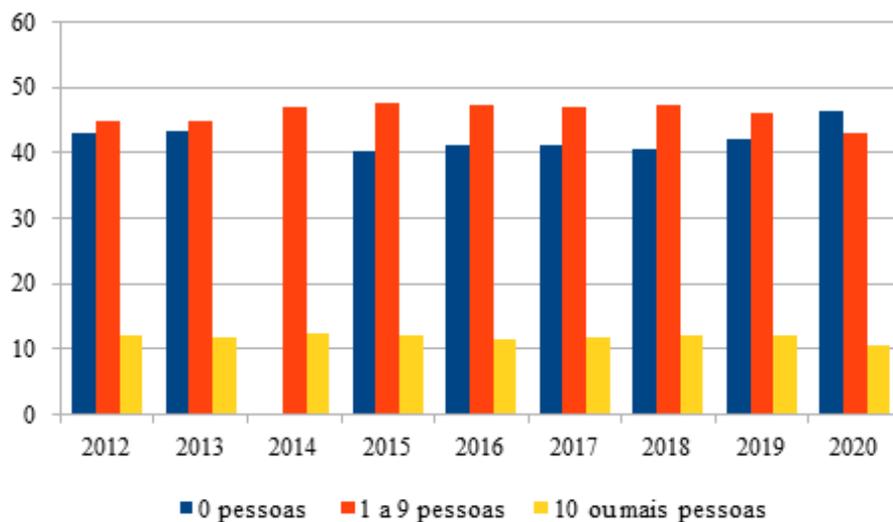
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2010-2020.

Nota: Em 2011, o estudo não considera empresas sem pessoal ocupado assalariado. O total de empresas ativas neste ano é de 4.538.347; no entanto, a Demografia de empresas por faixa de pessoal ocupado considera apenas 2.246.220 (com pessoal ocupado diferente de zero).

Pode-se acompanhar a evolução do percentual de empresas sobreviventes por faixa de pessoal ocupado no Gráfico 2. Quando se analisa o número de empresas sobreviventes, nota-se que em 2012 cerca de 43,1% das sobreviventes não tinha pessoal ocupado, 44,9% tinha entre 1 e 9 funcionários e apenas 12% tinha mais de 9 pessoas empregadas. Em 2019, das sobrevi-

ventes 42,4% não tinham pessoal ocupado assalariado, 45,9% tinham entre 9 e 10 empregados e apenas 12% tinham 10 funcionários ou mais. Em uma média anual, entre 2012 e 2020, cerca 37% das empresas sobreviventes não têm pessoal ocupado, 46% têm de 1 a 9 funcionários e apenas 17% das empresas têm 10 ou mais pessoas assalariadas.

Gráfico 2 – Percentual de Empresas Sobreviventes por Faixa de Pessoal Ocupado



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2012-2020.

A Tabela 5 considera apenas as empresas com pessoal ocupado assalariado. Podem-se observar informações relativas às empresas ativas, sobreviventes, novas empresas (entrantes) e empresas que se retiraram do mercado (saídas) por percentual de pessoal ocupado assalariado por sexo e escolaridade. O estudo Demografia de Empresas 2010 não apresenta dados do percentual de pessoas ocupadas por sexo e escolaridade. Em 2011, pode-se notar que nas empresas sobreviventes 63,3% do pessoal ocupado era composto por homens e 36,7% eram mulheres. No caso das novas empresas (entrantes) 62,4% da mão de obra eram homens e 37,6% eram mulheres. Já nas empresas que se retiraram do mercado em 2011, cerca de 59,5% do pessoal ocupado eram homens e 40,5% eram mulheres. Em 2019, nas empresas sobreviventes, 60,7% da mão de obra era composta por homens e 39,3% eram mulheres; nas empresas en-

trantes, esse percentual era, respectivamente, de 58,7% e 41,3. Já para as empresas que faliram nesse ano, cerca de 57,3% da mão de obra assalariada era de homens e 42,7% de mulheres. O percentual de homens permanece significativamente maior que o de mulheres ao longo de toda a série para todos os grupos (sobreviventes, entradas e saídas).

Ao se analisar o grau de escolaridade do pessoal ocupado assalariado, nota-se que em 2011 apenas 10% da mão de obra, do total de empresas ativas, tinha nível superior completo. Das empresas sobreviventes, 10,2% da mão de obra tinha nível superior completo. Para as novas empresas 5,4% dos empregados tinham nível superior completo. Já nas empresas que se retiraram do mercado nesse ano, 5,7% do pessoal ocupado tinha ensino superior.

Tabela 5 – Demografia de Empresas por Pessoal Ocupado Assalariado, Total, por Sexo e Nível de Escolaridade

		Pessoal ocupado assalariado		
		Total	Sexo Mulher (%)	Nível de escolaridade Com nível superior (%)
2011	Ativas	32 706 200	36,7	10,0
	Sobreviventes	31 726 069	36,7	10,2
	Entradas	980 131	37,6	5,4
	Saídas	410 407	40,5	5,7
2012	Ativas	33 915 323	37,2	10,5
	Sobreviventes	32 964 847	37,2	10,6
	Entradas	950 476	38,6	6,2
	Saídas	453 082	42,3	5,8
2013	Ativas	35 050 524	37,7	11,1
	Sobreviventes	34 162 830	37,6	11,3
	Entradas	887 694	39,6	6,5
	Saídas	524 159	39,3	5,5
2014	Ativas	35 220 894	38,3	12,1
	Sobreviventes	34 373 780	38,3	12,2
	Entradas	847 114	39,2	6,8
	Saídas	525 652	41,9	6,6
2015	Ativas	33 623 393	38,8	12,6
	Sobreviventes	32 845 567	38,7	12,7
	Entradas	777 826	40,5	7,6
	Saídas	492 182	39,8	6,3
2016	Ativas	32 011 930	39,2	13,8
	Sobreviventes	31 272 598	39,2	13,9
	Entradas	739 332	41,9	8,4
	Saídas	507 051	41,7	6,9
2017	Ativas	31 877 046	39,2	14,2
	Sobreviventes	31 047 640	39,1	14,3
	Entradas	829 406	42,4	8,7
	Saídas	469 406	40,5	7,6
2018	Ativas	32 296 827	39,3	15,0
	Sobreviventes	31 433 572	39,2	15,2
	Entradas	863 255	40,4	8,8
	Saídas	512 113	41,2	7,8
2019	Ativas	33 071 591	39,4	14,5
	Sobreviventes	32 037 129	39,3	14,7
	Entradas	1 034 462	41,3	8,4
	Saídas	438 917	42,7	7,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Cadastro e Classificações, Cadastro Central de Empresas 2011-2019.

Em 2019, o percentual de pessoal ocupado com nível superior completo era de 14,5% para o total de empresas ativas, de 14,7% nas sobreviventes, 8,4% para as entrantes e 7,5% nas empresas que faliram neste ano. Na análise do total de empresas ativas, em uma média anual apenas 12,6% da mão de obra assalariada tem nível superior completo. Para as empresas sobreviventes, esse percentual é de 12,8%.

3 Considerações Finais

Este estudo fez uso de dados da Demografia de Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo disponibilizados pelo IBGE para discorrer sobre a evolução das taxas de sobrevivência de empresas no Brasil. Este tipo de análise contribui para a compreensão da dinâmica empresarial e dos desafios enfrentados pelos empreendimentos brasileiros. A análise dos dados destaca diversas tendências importantes.

Observa-se uma oscilação na taxa de entrada e saída de empresas, com notável crescimento em 2008, 2009 e 2010, seguido por uma tendência descendente entre 2016 e 2018 e uma recuperação em 2019. O ano de 2020, marcado pela pandemia, apresentou uma taxa de saída relativamente baixa, no entanto, contrastada por uma redução na criação de novas empresas.

A análise setorial indica variações importantes na taxa de entrada de empresas, e a variação regional demonstra que a sobrevivência é influenciada por fatores distintos em diferentes partes do país, destacando a complexidade do cenário empreendedor. Podem-se notar também disparidades de gênero e níveis educacionais, com uma predominância masculina e uma participação limitada de profissionais com nível superior.

Referências

- AABOEN, L.; LINDELOF, P.; LOFSTEN, H. Incubator performance: an efficiency frontier analysis. **International Journal of Business Innovation and Research**, v. 2, n. 4, p. 354-380, 2008.
- BERTOLAMI, M. *et al.* Sobrevivência de empresas nascentes: influência do capital humano, social, práticas gerenciais e gênero. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, p. 311-335, 2018.
- BRUDERL, J.; PREISENDÖRFER, P.; ZIEGLER, R. Survival chances of newly founded business organizations. **American Sociological Review**, p. 227-242, 1992.
- CONCEIÇÃO, O. C.; SARAIVA, M. V.; FOCHEZATTO, A. Sobrevivência empresarial e capital humano: um estudo longitudinal da coorte de firmas criadas em 2007 no Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 49, n. 2, p. 169-185, 2018.
- FERREIRA, L. F. F. *et al.* Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. **Gestão & Produção**, v. 19, n. 4, p. 811-823, 2012.
- FREITAS, A. D. DE; SALLES, M. T. **Análise da contribuição da incubadora para a atuação e sobrevivência de micro e pequenas empresas no mercado**: o caso da incubadora de base tecnológica da Uffl. VIII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 13p., 2011.
- GIOVANNETTI, G.; RICCHIUTI, G.; VELUCCHI, M. Size, innovation and internationalization: a survival analysis of italian firms. **Applied Economics**, v. 43, n. 12, p. 1511-1520, 2011.
- HOLMES, P.; HUNT, A.; STONE, I. An analysis of new firm survival using a hazard function. **Applied Economics**, v. 42, n. 2, p. 185-195, 2010.
- IBGE. **Demografia das empresas e estatísticas de empreendedorismo: 2020**. Coordenação de Cadastros e Classificações. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- IBGE. **Demografia das empresas e estatísticas de empreendedorismo: 2021**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/servicos/22649-demografia-das-empresas-e-estatisticas-de-empreendedorismo.html?edicao=35216&t=publicacaoes>. Acesso em: 06 dez. 2023.
- PINHEIRO, J. F. D.; NETO, Macário Neri Ferreira. Fatores que contribuem para mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 7, p. 11107-11122, 2019.
- RANNIKKO, H. *et al.* Survival and growth patterns among new technology-based firms: empirical study of cohort 2006 in Sweden. **Journal of Small Business Management**, v. 57, n. 2, p. 640-657, 1 abr. 2019.
- RESENDE, M.; CARDOSO, V.; FAÇANHA, L. O. Determinants of survival of newly created SMEs in the Brazilian manufacturing industry: an econometric study. **Empirical Economics**, v. 50, n. 4, p. 1255-1274, 2016.
- SEBRAE. **A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasil,d5147a3a415f5810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 06 dez. 2023.

TUMELERO, C.; DOS SANTOS, S. A.; KUNIYOSHI, M. S. Sobrevivência de empresas de base tecnológica pós-incubadas: estudo sobre a ação empreendedora na mobilização e uso de recursos. **REGE - Revista de Gestão**, v. 23, n. 1, p. 31-40, 2016.

1 Até 2018, as unidades consideradas ativas eram definidas por meio de um conjunto de critérios que avaliavam as situações cadastrais das fontes de atualização no ano de referência, o número de pessoas assalariadas e o indicador de atividade da RAIS. A partir de 2019, o indicador de unidades ativas foi ajustado, em função do percentual de empresas que passaram a preencher o eSocial em substituição à RAIS.

2 Estes cálculos foram feitos desconsiderando o ano de 2011 para o qual não foi publicado o percentual de empresas sem pessoal ocupado assalariado.

() Doutoranda em Economia do Desenvolvimento FEA-USP.
(E-mail: marianaolii@usp.br).*